

## Leituras da Antiguidade: *Os dois Plínios* de Júlio de Castilho\*

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

*Universidade do Minho*

**Abstract:** The interest of *Os dois Plínios* by Júlio de Castilho lies in the fact that the life, work and time of both Plinius the Old and Plinius the Young are revisited under the detailed, romantically digressive and intimate perspective of Feliciano de Castilho's son.

**Keywords:** memories, digression, materialism, Plinius the Old, Plinius the Young, António Feliciano de Castilho, Júlio de Castilho.

Necessidades e acasos da investigação levaram a que deparasse, em tempos, com uma obra da autoria de Júlio de Castilho dedicada a dois vultos da Antiguidade Clássica, a saber, os dois Plínios. Nem o autor nem a obra me eram conhecidos, pelo que aguardei, então, oportunidade para pesquisar nesse sentido. O momento surgiu e dele resultou o presente artigo, que tem como objectivo evocar uma figura e uma obra um tanto esquecidas, Júlio de Castilho e *Os dois Plínios*. Em boa verdade, quase poderia dizer que se vai tratar dos dois Plínios e dos dois Castilhos, porque de ambos se falará, embora na proporção em que Júlio de Castilho falou dos dois Plínios, pois, tal como aquele autor oitocentista prestou maior atenção a Plínio-o-Moço, o epistológrafo latino sobrinho do famoso naturalista Plínio-o-Velho, também aqui se dedicará especial atenção ao menos conhecido dos dois Castilhos, isto é, a Castilho “o Moço”, o filho de António Feliciano de Castilho, o incansável pesquisador de antiguidades, o Visconde Júlio de Castilho.<sup>1</sup>

---

\* O presente texto corresponde, *grosso modo*, ao que foi apresentado na Universidade de Aveiro, em Março de 2000, a convite do Departamento de Línguas e Culturas da mesma Universidade.

## 1. A obra de Júlio de Castilho

Júlio de Castilho viveu na segunda metade do séc. XIX e princípios do séc. XX<sup>2</sup> e consagrou toda a sua vida ao trabalho e ao estudo. Concluído o Curso Superior de Letras, exerceu vários cargos de natureza político-diplomática<sup>3</sup>, foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Associação dos Arqueólogos e de diversas outras agremiações científicas e produziu uma vasta e variada obra na qual avultam as suas qualidades de escritor polígrafo, de poeta, dramaturgo, romancista, historiador, arqueólogo, memorialista e tradutor.<sup>4</sup> Todavia, e apesar de uma obra tão plurifacetada, Júlio de Castilho é sobretudo conhecido e recordado como o fundador da Olisipografia, por ter dado a

---

<sup>1</sup> Esta aproximação entre os dois Plínios e os dois Castilhos teria já ocorrido a Fernandes Costa, que falava nos dois Castilhos e os identificava como Castilho-o-Velho e Castilho-o-Moço (veja-se Fernandes Costa, *Elogio Académico do Visconde (Júlio) de Castilho* (Lisboa 1919) 8-10).

<sup>2</sup> Nasceu em Lisboa a 30 de Abril de 1840 e morreu na mesma cidade em 8 de Fevereiro de 1919.

<sup>3</sup> Tomás de Mello Breyner, no seu "O Visconde Júlio de Castilho, Mestre de um Príncipe", informa que Júlio de Castilho esteve nos Açores (como Governador Civil da Horta) e, mais tarde, foi nomeado cônsul de Portugal em Zanzibar (vd. *In Memoriam: Júlio de Castilho*, organizado por Miguel Trancoso (Lisboa 1920) 172).

<sup>4</sup> Para se ter uma ideia da variedade dos seus interesses e do quanto escreveu, veja-se como o recorda Xavier da Cunha, seu amigo, na *Homenagem Posthuma ao Visconde Julio de Castilho* (Coimbra 1919) 12-16, que o apresenta como bibliófilo e bibliógrafo, erudito humanista, "esmerado cultor da linguagem do Lácio e das suas derivadas", epistológrafo, polígrafo, historiador, biógrafo, corógrafo e topógrafo, folhetinista, romancista, poeta, dramaturgo, crítico literário e artístico (embora brando), eloquente académico (na qualidade de Sócio Correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa), arqueólogo, filólogo, além de exímio tradutor e de "camonianista". A somar aos principais títulos da sua vasta obra (a que adiante se faz referência), convém não esquecer que participou na *Questão Coimbrã* e elaborou estudos sobre os poetas Gil Vicente e António Ferreira, além de ter escrito biografias de pintores portugueses, como José Rodrigues e Vieira Lusitano. Veja-se Inocêncio F. da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português* (Lisboa 1973) tomo XIII, 252-253, com referência a obras publicadas até 1883 e a alguns inéditos. Para uma informação mais completa, vd. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Coordenação de Eugénio Lisboa, vol. II (Lisboa 1990) 216-217.

lume uma obra em muitos tomos intitulada *Lisboa Antiga*, que organizou em dois grandes conjuntos, um deles dedicado ao *Bairro Alto*, outro aos *Bairros Orientais*, tendo ainda voltado ao tema com a obra, dedicada à zona marginal da cidade, intitulada *A Ribeira de Lisboa*. De acordo com o testemunho do próprio autor, estes volumes consagrados à *Lisboa Antiga* surgiram, se assim se pode dizer, de forma fortuita, ao sabor dos acasos da investigação. Inicialmente, Júlio de Castilho, então empenhado em celebrar a memória do pai, apenas pretendia conhecer mais a fundo a terra que o vira nascer, o lugar de Lisboa onde se situava a casa paterna. Mas o material entretanto recolhido, fruto de um intenso labor curioso, fora engrossando, a umas pesquisas associaram-se outras pesquisas, e foi assim que o fruto da investigação acabou por atingir uma dimensão e extensão inesperadas. Acresce que, não sendo inteiramente nova, a matéria nunca fora objecto de uma indagação tão aprofundada, e por essa razão a mencionada obra de Júlio de Castilho, de grande valia histórica e documental (embora assente sobretudo em fontes impressas), veio a ser justamente considerada um marco nos estudos olisipográficos do século XIX, o século da história e das memórias.<sup>5</sup>

Igualmente inserido nestas tendências do século que o viu nascer é o trabalho de investigação que se revela mais consentâneo com o espírito e os interesses de Júlio de Castilho, a saber, o que se intitula precisamente *Memórias de Castilho*, uma extensa obra em 11 volumes escrita, como o próprio autor refere, com a "memória do coração". O título parece ser propositadamente ambíguo, porque sugere que são memórias de um Castilho (genitivo subjectivo) acerca de um outro Castilho (genitivo

---

<sup>5</sup> Veja-se, de Fernando Castelo Branco, *Breve história da Olisipografia* (Lisboa 1980) 18-29. A respeito da importância do século XIX para o aparecimento e consolidação dos estudos de história local, é muito útil a leitura do artigo de Augusto Santos Silva, "Os lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX português", *Lusitania Sacra* 13-14 (1995) 69-95. Uma breve apreciação ao trabalho de Júlio de Castilho encontra-se nas p. 72-73.

objectivo), isto é, de Castilho filho sobre Castilho pai. Estava a obra concluída pelo ano 1899, mas, conforme informação dada por Amadeu Ferraz de Carvalho – que em 1926 iniciou a revisão e publicação, a cargo do Instituto de Coimbra, das referidas *Memórias* –, o autor nunca mais a abandonou até ao fim da vida, retocando-a e anotando-a sem cessar.<sup>6</sup> E na verdade estas memórias revelam a cada momento a profunda e sentida admiração e o afecto que o filho nutria pelo pai e constituem um autêntico e sincero monumento à memória do mesmo. Ao compor as *Memórias de Castilho*, Júlio de Castilho comungou do desejo romântico de "arquivar memórias íntimas" e de ser escrupulosamente verdadeiro, como confessa na "Advertência" com que abre o volume I.<sup>7</sup> Na mesma linha romântica, a obra revela também o fascínio exercido no autor por tantos textos antigos de memórias, que, em seu entender, devolvem ao leitor o pulsar da "vida íntima das sociedades mortas"<sup>8</sup>.

A par das referidas obras relativas à história pátria e à "biografia" do pai, Júlio de Castilho fez um recuo até à Antiguidade Clássica e compôs *Os dois Plínios*. Neste longo texto subtintulado "Estudos da vida romana", no qual traz até ao presente os seus "amigos de dois mil anos",

---

<sup>6</sup> Veja-se "Nota Preliminar" ao Livro I de *Memórias de Castilho* (Coimbra 1926) VII-VIII.

<sup>7</sup> Apesar de haver quem considere que as letras portuguesas são pouco férteis em textos de teor memorial, a verdade é que o género memorialístico esteve na moda ao longo do século XIX. Para mencionar apenas memórias dedicadas à vida de homens de letras, lembre-se que Gomes de Amorim escreveu as admiráveis *Memórias biográficas* a respeito de Garrett, e que Bulhão Pato dedicou o tomo I das suas *Memórias* à evocação pessoal de vários escritores, um dos quais Alexandre Herculano, recordado em *Os últimos dias de Alexandre Herculano*, um texto publicado em 1880 e, posteriormente (1894), incluído no referido tomo das *Memórias*. Sobre esta matéria, veja-se Paula Morão, artigo "Memorialismo", in *Dicionário do Romantismo literário Português* (Coord. de Helena Carvalhão Buescu) (Lisboa 1997) 315-319. Mais especificamente sobre Raimundo António de Bulhão Pato (1829-1912), veja-se Clara Rocha, *Máscaras de Narciso (Estudos sobre a Literatura autobiográfica em Portugal)* (Coimbra 1992) 135-139. Aí se enunciam as principais facetas de Bulhão Pato memorialista, sendo curioso observar como muito do que a seu respeito é afirmado se poderia aplicar a Júlio de Castilho: a mesma tendência para se apagar perante os "heróis" que evoca, o "registo emotivo pontuado de exclamações", um tom por vezes coloquial e a tendência para "amiudadas digressões".

<sup>8</sup> *Memórias de Castilho*, V (Coimbra 1932) 260.

como dizia,<sup>9</sup> e que resultou do seu labor como mestre do príncipe D. Luís, Castilho quis apresentar a vida desses dois célebres romanos do séc. I d. C., naturais de Como, na Gália Cisalpina. Todavia, ao contrário do que sugere o título, mas de acordo com o subtítulo, a obra pretendeu ser mais do que uma biografia bem documentada de Plínio-o-Moço e de seu tio e pai adoptivo Plínio-o-Velho, o Naturalista. Trata-se de um amplo (mas extremamente digressivo) estudo da vida romana nas suas componentes política, social, religiosa, moral e artística centrado num período especial da história romana – os felizes tempos do imperador Trajano. Tendo como pano de fundo o mundo romano, ficamos a conhecer muitos amigos de Plínio, embora seja Plínio-o-Moço a figura que emerge com grande relevo diante de nós, enquanto o tio naturalista e o imperador Trajano gravitam em torno dele para serem evocados sobretudo como modelos de sacrifício à ciência e de príncipes exemplares.<sup>10</sup> Acresce que a obra está permeada de reflexões, no geral eivadas de moralismo. Daí que nela confluam excursos sobre matérias atinentes ao mundo greco-romano e também memórias pessoais e excursos que nos transportam para figuras contemporâneas do autor ou episódios ligados à realeza.

---

<sup>9</sup> *Os dois Plínios (Estudos da vida romana) por Julio de Castilho* (Lisboa 1906) 79 (daqui em diante, apenas *Os dois Plínios*, seguido do número da página). O exemplar utilizado tem a cota RJ 1704 da Biblioteca Pública e Municipal do Porto e pertenceu à biblioteca particular de Ricardo Jorge.

<sup>10</sup> Na verdade, *Os dois Plínios* caracterizam-se por um acentuado pendor para o zig-zague, que decorre da intromissão sistemática de excursos que procuram alargar o horizonte de interesses da obra, por forma a que corresponda ao subtítulo "Estudos da vida romana". Algumas matérias dão azo a uma constelação de excursos, como acontece com a figura de Plínio-o-Velho. A primeira referência que lhe é feita ocorre a respeito do seu gesto de adoptar o sobrinho; surge então um excurso sobre o sistema romano da adopção. Mas a verdadeira apresentação do tio Naturalista só ocorrerá mais tarde, quando, a propósito do regresso do jovem Plínio a Roma, depois de ter militado na Síria, Castilho fala na figura mais importante da família, o tio, e diz (p. 56): *Desejo apresentar os meus leitores a esse notável Romano, que é pelo seu porte um exemplo, que pelas suas obras literárias se tornou a admiração dos contemporâneos, e cuja morte prematura (como a seu tempo contarei) foi holocausto à Ciência. A Ciência tem os seus confessores e mártires, como os tem a Religião. A respeito de Plínio-o-Velho ter sido Águre, Júlio de Castilho fala da religião dos Romanos e da sua superstição (em confronto com a dos cristãos), das funções do águre, etc. Exemplos como este poderiam multiplicar-se.*

Todos estes estudos (de índole e temática tão diferentes), sejam os dedicados à memória do pai, sejam os que versam sobre Lisboa Antiga, sejam os que evocam os dois Plínios, têm em comum o tom memorialista e, simultaneamente, meditativo e intimista que os caracteriza.<sup>11</sup> Quer fale do pai, quer traga à memória a Lisboa de outros tempos, quer faça reviver os Romanos de há dois mil anos, é de si mesmo que Júlio de Castilho fala.<sup>12</sup> Pela escolha do tema, pela forma como se envolve no que diz, pelos excursos que sistematicamente interrompem a exposição<sup>13</sup>, é sempre o Visconde de Castilho que está presente, naquele seu jeito de eterno saudosista dos tempos que já lá vão, declaradamente descrente da época materialista que lhe coube em sorte viver. Como aconteceu a tantas figuras do século do romantismo, também Júlio de Castilho se sentia mal na época que os fados lhe destinaram. Daí a sua evasão constante, quer para o passado longínquo da Roma Imperial, quer para o passado oculto

---

<sup>11</sup> A tonalidade meditativa assoma com frequência. A mudança dos tempos e a sensação de perda irremediável é notória em passos como o que se segue, a respeito das inúmeras obras de Plínio-o-Velho que se perderam (*Os dois Plínios*, 68): *Diante da perda irreparável de tantas obras, sumidas na voragem de dois mil anos, perguntamos a nós mesmos: O que é a glória? O que é o trabalho? O que é a confiança no futuro? O que significa o homem? Quintílio Varo, onde ficaram as tuas legiões?* Mas o tom intimista raramente se torna confessionalista. São raros os testemunhos como o que deixou Júlio de Castilho quando, a propósito dos haveres de Plínio, dizia saber que Plínio era rico, mas desconhecer a quanto montava essa riqueza. E comentava (ibid., 232): *Não admira a minha ignorância: quem não acerta em fazer as suas contas, como há-de atinar com as alheias? Não nasci com a bossa muito acentuada para argentário.*

<sup>12</sup> Mal se compreende, por isso, que Júlio de Castilho não tenha sido objecto de referência no volume de Castelo Branco Chaves intitulado *Memorialistas Portugueses* (Lisboa 1978), pois que não só escreveu as *Memórias de Castilho*, como deixou "memórias" esparsas por todas as suas obras, para já não falar das suas já reveladoras *Memórias dos vinte anos* (Lisboa 1866) – um texto que, como o próprio refere na “Apresentação”, vale sobretudo pelas “convicções de coração” com que foi escrito. Note-se que o então jovem J. C. não assumiu a “paternidade” destas *Memórias*, apresentando-as como da autoria de um amigo.

<sup>13</sup> A tendência para o excurso e a divagação minuciosa constitui um traço idiossincrásico de Júlio de Castilho, de que o próprio tem consciência e que lhe valeu a acusação de prolixidade. Conforme informação do editor das *Memórias de Castilho*, é o próprio Castilho que o anota (a lápis) numas provas do *Instituto*, de 1898: *Sousa Viterbo diz que sou prolixo.* (vd. Nota ao vol. VI, 293). Mas ele mesmo se defende, ao estilo de Plínio (embora sem o invocar), asseverando que não é prolixo um texto que se alonga porque longa é a matéria de que trata (para mais quando esse texto é um livro de memórias...).

nas pedras ou nos edifícios que os seus olhos de peregrino por Lisboa vêem e fazem reviver, quer para os tempos mais próximos (e, ao que parece, já tão distantes) da sua meninice e do seu crescimento à sombra tutelar de um pai sem igual. É alguém que se desligou do presente, para só olhar, com interesse ou saudade, o passado.<sup>14</sup> Para o recuperar com o seu "telescópio" (como diz mais de uma vez<sup>15</sup>), isto é, com os estudos e a imaginação, que se vivificam reciprocamente.<sup>16</sup>

A este respeito, saliente-se que já o Académico e amigo Fernandes Costa notou que Júlio de Castilho, nas suas viagens pelo passado, recriava esses tempos mais ou menos distantes, recheando-os de figuras e paisagens, numa tentativa constante de instilar neles sinais palpáveis de vida. Esta é, com efeito, uma característica de Júlio de Castilho, que chega a ver (com os "olhos da alma") e a interpelar figuras já desaparecidas, imaginando conversas com elas, numa espécie de diálogo com os mortos. Não se estranhe, por isso, o teor do comentário que Castilho fez ao falar de Plínio e da forma como descreve as suas *uillae*:

---

<sup>14</sup> Veja-se, a este título, o mencionado *Elogio Académico do Visconde (Júlio) de Castilho*, da autoria de Fernandes Costa, que abundantemente chamou a atenção para esta vertente da obra de Castilho filho.

<sup>15</sup> *Os dois Plínios*, 447: *Vejo em tudo isso (se não me engana o telescópio) o receio do governo perante as agremiações dos populares*. Em *Lisboa Antiga, II: Bairros Orientais*, vol. I, 51, escreve: *Continuo sempre a atestar o telescópio, e observo que a cidade romana [...].* E sucedem-se os verbos que denotam essa observação entre acurada e sonhadora: "Direi o que estou entrevendo", "avistam", "diviso", "vejo", "avisto-os", "avulta", entre outros. Microscópio é também termo usado em acepção equivalente: "Se não é abusar do microscópio" – assim se refere à minúcia com que pretende documentar (recorrendo aos textos de Plínio) a modernidade deste.

<sup>16</sup> Vendo o que resta da Olisipo romana, Júlio de Castilho exclama: *Só com a imaginação trenada (sic) na leitura de bons livros, e acesa nos estudos de antiguidades, é que, mais ou menos nitidamente, conseguimos vêr o vasto painel romano*. E, umas páginas adiante: *!Oh!; quem podesse recompor, fragmento por fragmento, aquele viver antigo! quem podesse, à luz da História, e com documentos, ressuscitar a famosa Olisipo de dois mil anos atrás! com o ir e vir do seu povo! com os seus aquedutos! com as suas termas! com as suas estátuas! Com o seu teatro! e principalmente com as suas feições de bárbara romanizada, que tão engraçadas deviam ser aos olhos puritanos da madre Roma! Eu por mim...contento-me com a visão que tive, [...], e ao cerrar o capítulo, ainda se me afigura entreouvir aquele rumor longínquo...* (*Lisboa Antiga, II: Bairros Orientais*, vol. I, 179-180 e 196).

*O proprietário dessas belas quintas, espírito aliás tão culto, não era artista; em vários passos das suas obras o demonstra. Deixou-nos a planta árida, e não a animou. Nem a mobília dos seus salões, nem a população dos seus numerosos criados, masculinos e femininos, nos pintou. Nas suas descrições dá-nos as casas nuas; falta-lhes a vida, como em Pompeia.*

E, mais adiante:

*As cartas descritivas do Laurentino e do Tusculano têm hoje (repito) o silêncio das ruas de Pompeia.<sup>17</sup>*

A contrastar com a segura descritiva de Plínio, Júlio de Castilho sentia necessidade de dar vida, de animar a matéria de que tratava ou o passado por ele recriado. Por isso gostava de “apresentar” as figuras de que falava ao leitor e prometia que mais tarde haveriam (ele e o leitor) de “travar íntimas relações” com um amigo ou parente do biografado. Em dado passo de *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, depois de apontar as várias versões e “balelas” antigas referentes ao nome antigo de Lisboa (*Olis(s)ipo, Ulisseia*) e à passagem de Ulisses pela cidade, anima-se e diz:

*Agora mesmo, estando a meditar nestes disparates históricos, muito sábios mas muito divertidos, vi saírem de uma das estantes da minha numerosa livraria dois livros velhos espanhóis. Não sei como, e graças a não sei que bruxo, transformaram-se em dois homens, graves e sérios, a olharem fito para mim.<sup>18</sup>*

A cada passo Castilho volvia, assim, o olhar para o passado, vendo-o e sentindo-o de forma muito pessoal. Todavia – e este é um dado

---

<sup>17</sup> *Os dois Plínios*, 262 e 264, respectivamente.

<sup>18</sup> *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, vol. I, 62 e seguintes. Eram esses livros-homens o Dr. Bernardo Alderete, Cónego de Córdova e autor do *Tratado del origen y principio de la lengua castellana*, e D. Francisco Fernández de Córdova, autor de *Didascália*, que expõem o seu parecer sobre o assunto, negando que Ulisses tenha algo a ver com o nome de Lisboa. Salta, logo depois, outro livro transformado em homem. Tratava-se de Gaspar Estaço, Cónego da Colegiada de Guimarães, conhecido autor das *Várias Antiguidades de Portugal*. Juntou-se, por fim, ao grupo de interlocutores o agostiniano Henrique Flórez, autor da famosa *España Sagrada*. E desta forma, com o recurso ao diálogo entre estes homens-obras, Júlio de Castilho dá vida e torna atraente uma matéria que para muitos seria sensaborona e monótona.



a reter, pelo que revela da sua personalidade – requeria desse passado que fosse exemplar. O outro, calava-o<sup>19</sup>, pois preferia trazer à lembrança matérias que "melhorassem" a alma, assuntos moralmente edificantes, capazes de despertar no leitor do seu tempo (que considerava tão alheio ao heroísmo nobre e ao valor da tradição) um nobre anseio pela elevação dos sentimentos.<sup>20</sup>

## 2. Os dois Plínios

Falemos agora de *Os dois Plínios*. Esta obra veio a lume em 1906, quando já tinham sido publicadas os grandes volumes do cabouqueiro da Olisipografia e estavam concluídas as *Memórias de Castilho*. Mas o princípio que a norteava, em termos de método expositivo, bem como a sua índole dispersiva são os mesmos que presidiram à *Lisboa Antiga*, tal como vêm enunciados no Prólogo ao leitor, num passo que revela bem a consciência que o autor tinha de que o género desta obra não agradaria a todos. Diz ele:

*Quem não tiver gosto por um tal género de estudos, não abrirá sequer o livrinho; em troca, abri-lo-ão aqueles a quem apraz divagar nos bairros velhos, esquadrihá-los com olhos de antiquário e de artista, [...], como Vergílio e Ovídio entreviam ainda as cabanas de Evandro e os juncais dos paúes, entre as opulências arquitectónicas das Esquilias e do Fôro Romano.*<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Assim, quando evoca a má vontade que Plínio tinha contra Régulo (aparentemente o seu único inimigo), escreve (377-378): "Haja vista o infame delator e intrigante Régulo, cujo repugnante retrato nos aparece aos poucos em várias cartas; e não o copio para aqui, porque o pincel se recusa à tarefa. Seguirei antes com assuntos que nos melhorem a alma."

<sup>20</sup> Esta é uma das funções atribuíveis aos textos de "memórias". Clara Rocha, falando das *Memórias* de Bulhão Pato (vd. supra, n. 7), lembra como essa preocupação de moralização se exerce como tópico temático ao longo da obra, ao contrastar os anos 40-50 da juventude do autor com os últimos anos do século, em que heroísmo e crença praticamente e infelizmente (para o autor) desapareceram.

<sup>21</sup> Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga: O Bairro Alto*. 3ª edição, dirigida, revista e anotada por Gustavo de Matos Sequeira. Vol. I. (Lisboa 1954) xxxii.

Note-se que o “livrinho” a que J. C. se refere é o vol. I da *Lisboa Antiga*. Ora, quem assim falava a Portugueses sobre uma obra que versava matérias de grande interesse histórico atinentes à sua capital, que esperança poderia depositar no êxito de uma obra como *Os dois Plínios*? Que razões o moveram, então, a compô-la? Que mensagens pretendia veicular através de tal estudo?

Júlio de Castilho é claro quanto ao seu objectivo. Como explica, deixara já, por razões de saúde, de ser professor de Literatura Portuguesa e de História de Portugal do infante D. Luís, filho primogénito de D. Carlos I, mas essa circunstância não obsteu a que desejasse continuar a ser útil ao príncipe, oferecendo-lhe e dedicando-lhe a obra em causa, por considerar que ela dava a conhecer, na figura dos dois Plínios, um exemplo de bons cidadãos e um modelo de são convívio entre súbditos e Imperador. A carta-dedicatória a "Sua Alteza o Príncipe Real", datada do Lumiar, de 30 de Julho de 1905, é bem reveladora:

*E quem venho eu hoje apresentar no Paço? O amigo íntimo de um dos melhores Césares, o conselheiro e panegirista de Trajano, o excelente Plínio, e seu ilustre tio o naturalista.*<sup>22</sup>

O interesse da matéria era inegável e universalmente reconhecido. Nas palavras do próprio autor:

*Qualquer livro de viagem, qualquer dicionario biographico, qualquer livreria que se prése, nos menciona os Plínios, sempre e em todas as Linguas.*

Quis, todavia, e apesar da abundância de material de consulta em língua estrangeira, dirigir-se aos seus conterrâneos e contemporâneos e prestar-lhe um serviço, "falando-lhes dos Plínios ... em portuguez".<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Também o *Post Scriptum* — igualmente datado do Lumiar, 30 de Julho de 1905, 1h da tarde — é muito significativo, ao exprimir o voto de que haja bons Trajanos, para que haja bons Plínios — numa reformulação feliz daquele verso famoso de Marcial: *Sint Maecenates, non derunt, Flacce, Marones...* (*Os dois Plínios*, 512: [...] *Sede Trajano, e heis-de encontrar um Plinio*). O verso citado de Marcial é 8. 55. 5.

Do ponto de vista das fontes documentais, o caminho para chegar aos Plínios era fundamentalmente um, a correspondência de Plínio-o-Moço. E como Castilho apreciava essas *Cartas* de Plínio! Elas eram "um livro que enche a alma"<sup>24</sup>, porque feito de memórias íntimas e de pequenos / grandes nada que geralmente escapam ao historiador, o que constituía para o filho de Castilho um motivo de particular sedução e enlevo.<sup>25</sup> Tudo nelas o encantava, como se depreende do que escreveu no "Prólogo":

*As Cartas deste excelente homem são, com efeito, uma das leituras mais leves e brilhantes que nos legou a Antiguidade Clássica; palpita ali a crónica inteira da Cidade, a sua gazetilha forense, o seu necrológio, as suas ocupações intelectuais, e a sua civilidade comprimenteira; coisas essas que os volumes de outro género não souberam nem puderam transmitir. A esses predicados, juntam outro: a moral mais pura.*

Júlio de Castilho era, portanto, atraído pelo facto de a correspondência de Plínio dar a conhecer, como nenhum outro texto da Antiguidade, uma sociedade elegante, culta, amável e amena. Eis como define essa correspondência, no cap. I da obra:

*Cartas de Plínio, o livro que melhor nos inicia nas bagatelas doiradas, nas lisonjas palacianas, nas amáveis jóias da convivência benévola dos Antigos.*<sup>26</sup>

Esta última afirmação pode, contudo, induzir em erro quem conheça mal Júlio de Castilho. Com efeito, se estes aspectos mundanos exerceram nele alguma atracção – que lhe terá ficado dos convívios

---

<sup>23</sup> *Os dois Plínios*, 510 (no "Post-scriptum").

<sup>24</sup> *Ibidem*, 418.

<sup>25</sup> Veja-se como se exprime em dado passo da *Lisboa Antiga: O Bairro Alto* (Vol. I, Lisboa 1954, 190): *Que valia não têm as cartas de Plínio, e as da Marquesa de Sévigné! as de Cícero ou de Voltaire, as do Padre António Vieira, as do Cavalheiro de Oliveira, e até e (sic) diário-rol do Sire de Gouberville!* Nas *Memórias de Castilho*, V, 260-261 esclarece quem é Sire de Gouberville: um obscuro fidalgo, autor de uns apontamentos, espécie de diário que se revela uma verdadeira mina de conhecimentos sobre matérias geralmente ignoradas ou desprezadas por cronistas e historiadores, por pertencerem à pequena história.

<sup>26</sup> *Os dois Plínios*, 18.

letrados e sociais a que assistiu na companhia do pai –, a verdade é que Castilho busca algo de mais substancial nessas cartas, apreciando sobretudo o seu teor conceituoso e moralista. Atente-se no passo que talvez traduza e explicita melhor a opinião de Castilho, aquele em que procura refutar a acusação de que essas cartas deixam transparecer o gosto por um apuramento excessivo da forma. Se tais cuidados são excessivos em cartas – diz –, então mudem-lhe o nome, "chamem-lhe um *Sumário de variada Moral*, e cessou o reparo; [...] repito, chamem às *Cartas* de Plínio *Apontamentos autobiográficos*, e desaparece o motivo da censura."<sup>27</sup> Este passo compendia lapidarmente o que Júlio de Castilho sentia: que as *Cartas* de Plínio eram apontamentos autobiográficos (e sabemos o interesse de Castilho em memórias pessoais) e uma exposição de temas e considerações de ordem moral (e sabemos como a moral era, para Castilho, um esteio essencial à vida). Na realidade, os princípios de moral veiculados ou ínsitos nas *Cartas* serão constantemente postos em relevo ao longo da narrativa-exposição de Castilho como manifestações da virtude natural de Plínio.

Assim se compreende o apreço de Castilho pelas *Cartas* de Plínio, que são o motivo inspirador de todo o estudo. Mas é muito provável que, na eleição da matéria de *Os dois Plínios*, tivessem influído no espírito de Castilho outras ordens de razões, porventura menos conscientes, mas igualmente actuautes, mormente o sentimento de que havia alguma afinidade entre os Castilhos e os Plínios. Na verdade, ambos (Castilho e Plínio jovens) tiveram um pai (adoptivo ou não) de extraordinário vigor intelectual e projecção social e ambos quiseram perpetuar a sua memória; a ambos coube conviver com a família reinante, quer na qualidade de súbditos, quer na de conselheiros; ambos prezavam a amizade e ambos cultivavam a lembrança dos familiares e amigos com a "memória do

---

<sup>27</sup> *Os dois Plínios*, 359-360.

coração".<sup>28</sup> Acima de tudo, ambos apreciavam o múnus literário e a ele dedicavam todo o seu tempo, porquanto buscavam no cultivo das Letras a serenidade, o refúgio, a paz.<sup>29</sup> E sente-se, de facto, uma empatia muito grande entre o biógrafo e o biografado. A tal ponto que, por vezes, se lhe dirige, como quem conversa com ele e procura compreendê-lo, deixando entrever mágoas semelhantes. Ouçamo-lo quando recorda como Plínio lembrava tantos amigos já desaparecidos:

*Que saudades nisso tudo!...Ah!, meu Caro Plínio! A vida é assim; é como as tuas cartas, que não passam hoje de um vasto cemitério.*<sup>30</sup>

A atracção de Júlio de Castilho pelos Plínios vinha de longe, dos tempos já distantes da sua meninice, e fora-lhe inculcada pelo pai, seu primeiro mestre de Latim, que muito os admirava. Eis como Júlio de Castilho rememora esses tempos, no Prólogo:

*Sucedeu a esta [de Fedro] uma leitura mais humana, mais substancial, nas Cartas de Plínio-o-Moço. Meu Pai adorava este autor, um dos companheiros da sua estudiosa mocidade; conhecia-o a fundo; parecia ter convivido com todo o rancho erudito e amável dos correspondentes do*

---

<sup>28</sup> Assim diz de si Castilho a respeito das *Memórias de Castilho*; assim se exprime em *Os dois Plínios*, quando se refere aos amigos que Plínio terá conhecido na Síria (53): *Todos esses nomes, que viveram, e tão pouco já nos dizem a nós, os trabalhos, as anedotas, o conjunto daqueles anos juvenis passados na Síria, haviam de evocar mil lembranças a quem, como Plínio, tinha memória no coração.*

<sup>29</sup> Certo passo de uma carta de Júlio de Castilho ao Conde de Sabugosa, na qual incitava o Conde a dedicar-se às letras e a compor, é bem explícito: *Como me dizia sempre meu Pai, devemos tomar as tarefas literárias, não só como cumprimento de dever moral, mas também como alívio aos dissabores da existência.* Olha o que diz Plínio: *e sobretudo o que fez o incomparável Cícero atirando-se ao trabalho nas ocasiões em que o grande coração dele mais padecia nas crises políticas e nos desgostos domésticos.* (carta extractada e transcrita pelo próprio Conde de Sabugosa em "Castilho II - Poeta e Santo", com que colaborou no *In Memoriam* a Júlio de Castilho; vd. *In Memoriam: Júlio de Castilho* (Lisboa 1920) 106-107. Esta mesma carta continua assim: *Quem sente cá dentro o deus in nobis não pode nem deve cruzar os braços. Se depois daqueles nomes posso falar de mim, peço-te que notes que passando pela provação mais cruel me entrincheirei com uma valentia sem igual nas pesquisas extenuantes da* Lisboa Antiga, da Ribeira de Lisboa, do Vieira Lusitano, dos Dois Plínios, e das complexas e absorventes *Memórias de Castilho.*

<sup>30</sup> *Os dois Plínios*, 482. Mas Castilho não deixará de aconselhar, como fazia Plínio, a que não se desespere perante a variedade e volubilidade dos sucessos humanos.

*grande varão; explicava-nos os usos romanos, a política imperial, os casos da vida íntima dos fidalgos da Roma velha, os livros que tinham escrito.*<sup>31</sup>

E, mais adiante, depois de esboçar o retrato intelectual e moral do notável epistológrafo:

*Basta o que aí fica, para explicar o motivo por que meu Pai o escolheu para nosso preceptor intelectual, para nosso guia moral. Amei-o sempre, li-o e reli-o toda a vida; e senti agora acordar-me no ânimo o desejo de o dar a conhecer a fundo aos moços meus conterrâneos.*

O que assim ficou exarado no "Prólogo" a *Os dois Plínios* é corroborado pelas *Memórias de Castilho*, que não deixam de evocar as primeiras lições de latim do "memorialista", quando este (o pequeno Júlio) andava pelos oito anos. Depois de lembrar o muito que ele e os irmãos aprendiam a partir de textos de Fedro, escreve:

*A Phedro seguiu-se Plínio-o-Moço. Se as fabulas nos tinham agradado, aquellas cartas historicas cheias de factos, de retratos, de pinturas dos usos e costumes da alta sociedade consular da velha Roma de Trajano, cheias de anhelos para o bem, e de exemplos de caridade delicada e intelligente, deram-nos muito maior prazer. Plínio tornou-se para nós um amigo; viamol-o; falavamos-lhe; encontravamo-nos junto d'elle com Quintiliano ou Virginio Rufo; divagavamos com elles no Tusculano ou no Laurentino. E quando Castilho, uma vez, chamou a José do Canto "o Plínio açoriano", ficámos vendo e conhecendo ainda melhor o sympathico amigo de Cornelio Tacito. Plínio moço é já um christão, protector de christãos.*<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> *Os dois Plínios*, 11-12. Numa outra altura, recordando o magistério de António Feliciano de Castilho no Colégio do Pórtico, no qual tinha a seu cargo as aulas de Português, Francês e Latim, o filho afirma (*Memórias de Castilho* (Coimbra 1933, vol. VI, 110): *Mas isso eram apenas os pretextos para digressões filológicas e históricas, scientificas e litterárias. Um período de Phedro ou Plínio, um trecho de Bernardes ou Racine, dava margem para interessantíssimas viagens por outros livros, com que o livro da aula se completava e realçava.*

<sup>32</sup> *Memórias de Castilho*, V, 258. Mais adiante (VI, p. 78-79) vêm-lhe à memória, relativos ao ano de 1850, os Domingos passados no Jardim Botânico da Ajuda, na companhia do pai e de alguns amigos deste. E comenta, a propósito: *Eu continuava então com o meu latim a contas; e era isso mais um motivo do encanto que achava nas idas ao Jardim botânico; porque o palacio do Jardim botânico tinha seus quês de villa romana. Havia lá um atrio, claro e simples, onde os passos se tornavam sonoros como no peristillo das thermas de Caracalla! uns buxos*

Pela vida fora, a imagem de Plínio constituiria uma presença constante. Tudo lhe fazia lembrar o epistológrafo romano. Nas *Memórias de Castilho* lembra que "o Poeta" (assim se refere muitas vezes a seu pai) e o irmão passaram o entruado de Fevereiro do ano de 1831 entregues ao estudo. Sem mais transições, logo lhe acodem à memória as Saturnais que Plínio consagrava ao estudo:

*Pois até n'esse dia trabalharam os dois laboriosos irmãos. Estou-os a ver na sua livraria, revestida de primores por dentro, e de limoeiros por fóra, estou-os a ver apartados do bulício, meditando versos (...). E sabem o que isso me lembra? é o trecho de uma carta de Plínio, onde elle, descrevendo o seu palácio de Laurente (sic), nos mostra o inspirativo gabinete em que se ia encerrar estudando, em quanto o carnaval romano pulava e sacudia os guizos, entre esgares, enchendo a casa com a sua vozeria.*<sup>33</sup>

Plínio-o-Moço é, assim, o modelo do homem devotado às Letras, mas esta não é a tónica dominante na apresentação que dele faz Castilho. De facto, o Visconde não deixa de ver nele um grande escritor e orador, mas apresenta-o acima de tudo como um "homem de bem, porque (desenganemo-nos) a aplicação aturada nas boas artes melhora a alma" (p. 42). Ou, como o retrata num outro passo:

---

*recortados, como no Tusculano ou no Laurentino! umas estatuas antiquissimas, que em roda de si tinham ouvido, havia muitos seculos, senadores, centuriões, vestaes, e até (sem a mínima duvida) meninos romanos da minha idade falar latim, conjugar sem hesitações os mesmos verbos que eu conjugava, declinar praticamente os mesmos substantivos que eu declinava, e talvez citar os nomes dos auctores que nós manuseavamos com admiração, e ás vezes terror! Havia um triclinio com muitas flores, umas inscrições latinas que eu muito gostava de traduzir, um certo silencio solemne na casa e na quinta, e em todo o traçado do edificio umas linhas grandes que infundiam respeito. Sobre tudo isso, que já não era pouco, um amphitrião bondoso, que sabia latim, e me dizia ao ver-me: "Salueto, Juli mi!" e era naturalista como Plinio o velho, e amavel como Plinio o moço, e em summa, conhecera os meus amigos de dois mil annos! E, um pouco depois (82): O dia no Jardim botanico passava-se ora nas salas, ora á sombra das arvores seculares d'el-Rei D. José, ou entre buxos plinianos, que eram o meu encanto, e seriam adorno em Versailles."*

<sup>33</sup> *Memórias de Castilho*, II, 247-248. Castilho refere-se à carta 17 do Livro II da correspondência de Plínio.

*A alma equilibrada e afectuosa do nosso Plínio, a sua índole séria e compassiva, detestava os vulgaríssimos jogos públicos de lutas, gladiadores, feras, e outras misérias, que o Povo romano afeiçava, agona. [...] E Plínio, sempre alto pensador, combatia essa lepra moral, como hoje tanta gente combate o absurdo das toiradas, nódoa da nossa civilização moderna.*<sup>34</sup>

Nesta linha de verdadeira *humanitas*, Plínio, senhor de uma intensa vida activa (no Senado, nos tribunais), é ainda – na pena de Castilho – o latifundiário que não esquece a sua terra natal e as suas responsabilidades para com os outros; é o escritor sempre pronto a acolher com carinho os jovens que se iniciam na vida literária; é o amigo que se preocupa com os amigos, com o seu bem estar e com a sua saúde; é o homem que respeita e venera os mais velhos, etc... Numa espécie de *leit-motiv*, são constantes as frases valorativas de Castilho que exaltam as qualidades morais do epistológrafo romano. Como esta:

*São para admirar num pagão os puros sentimentos, quasi cristãos, que o adornam.*<sup>35</sup>

Como é bom de ver, estamos perante um Plínio "moralizado".<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> *Os dois Plínios*, 159. O texto continua assim: *Quando virá o tempo, em que um Rei sensato (os Reis ainda hoje podem tudo) diga a Portugal: - 'Acabo com as toiradas, divertimento banal de ociosos e inúteis; e o modo de lhes dar um golpe de morte, é abster-me de lá comparecer. A tribuna Real ficará vazia.' Bastava isso, e acabava a selvajaria inqualificável.*

<sup>35</sup> *Os dois Plínios*, 143.

<sup>36</sup> Todavia, quem conhece Plínio-o-Moço sabe que tinha um pequeno defeito: era vaidoso. Castilho, impossibilitado de contornar a questão (de resto, preza acima de tudo a verdade), desvaloriza-a e introduz atenuantes. Vejamos como (211): *Com o seu entusiasmo inato pelo elogio justo que lhe tributassem, fraqueza (se o é) que não pretendo escurecer sequer, primeiro porque é visível a olho nu, em segundo lugar porque é inofensiva, aceitava com sumo agrado aplausos como escritor, e talvez mais ainda como orador.* E, voltando mais tarde ao assunto (358): *A vaidade do nosso Plínio é indiscutível, se querem chamar vaidade o gosto do bem pelo bem, o prazer de ouvir a voz da consciência; mas não é vaidade odiosa, porque assenta em bases; tem de que se ufanar.* Mas esta censura – apesar de tudo tão atenuada – é a única. Em tudo o mais, o escritor latino era um compêndio de virtudes.



Mas a Júlio de Castilho não bastava esta visão das atitudes e das palavras de Plínio que faziam dele "quase" um cristão. Queria ver no biografado um verdadeiro cristão. E esse passo será dado, embora de forma gradual. Ainda o leitor mal o conhecia e já Castilho falava da impressão que terão causado ao jovem Plínio, quando tribuno militar na Síria, os relatos que então circulavam sobre Cristo, e anunciava, antecipando informações futuras:

*Veremos, lá para o futuro, como eles [os cristãos] influíram na sua alma, e quanto as doutrinas de Cristo ecoavam no coração deste pagão talentoso e bom. Por ora não antecipemos, e sigamo-lo, quanto possível, nas suas tarefas militares de Tribuno.*<sup>37</sup>

Apreciações ou comentários desta natureza repetem-se ao longo da exposição biográfica. Plínio, apesar de pagão, é visto como um crente "numa Divindade suma, que nos ouve, nos dirige, nos julga, e nos remunera ou castiga".<sup>38</sup> Explicitando mais o seu pensamento, Castilho afirma:

*Plínio era um espírito sensato alumiado pela bondade; tenho-o já por um daqueles, a quem a influência vaga do Cristianismo principiava a aquecer.*

E, falando das seitas principais da filosofia antiga, diz de seguida:

*O Platonismo, mais alto, mais nobre, olhava para além-túmulo, pré-gava o bem, e encaminhava o homem para uma existência futura e eterna. Plínio, platónico de educação, era quasi um discípulo de Cristo, se não pela doutrina, certamente pela caridade. E por que não pela doutrina?*<sup>39</sup>

Na figura de Plínio-o-Moço, Júlio de Castilho celebra alguém que, pela sua simplicidade, honestidade, humanidade, antecipava já, ou pressentia, os sinais do Cristianismo. O Visconde acreditava, portanto, na possibilidade de Plínio ter meditado nos ditames daquela religião que se

---

<sup>37</sup> *Os dois Plínios*, 47.

<sup>38</sup> *Os dois Plínios*, 116.

anunciava "nova e estupenda". Em sua opinião – devidamente documentada –, aquele pagão cumpria já, apesar de pagão, os Dez Mandamentos da Lei e tinha em si as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade. Como dizia, em jeito de conclusão:

*Afirmo, portanto, que a religião deste pensador se aproximava tanto às prescrições cristãs, quanto lho permitia o meio em que fora educado.*<sup>40</sup>

Tal como aqui, por mais de uma vez, ao longo da exposição, Júlio de Castilho estabelece comparações entre a atitude de Plínio e a dos primeiros cristãos. Mas é sobretudo no final da obra que essa aproximação se torna inequívoca, já que Castilho não resistiu à tentação de recuperar do passado afirmações pouco credíveis que dão Plínio como um dos mártires dos primeiros tempos do Cristianismo. Apesar de ter consciência de que nada há que permita asseverá-lo com toda a segurança, o biógrafo dos Plínios reúne indícios e abalança-se a conjecturar que bem pode ter sido assim.

Entre as "provas" do cristianismo de Plínio figura a circunstância de ele ter sido governador da província da Bitínia/Ponto, na Ásia Menor, pois esta região fora o palco do primeiro desenvolvimento daquela religião. Acresce o facto de o final da vida de Plínio ser totalmente desconhecido, mergulhado num silêncio geral difícil de explicar. Baseado em indícios deste género, Júlio de Castilho, para alicerçar a sua hipótese – feita mais de desejo do que de provas concludentes –, apoia-se em autores que desde sempre têm suscitado muita controvérsia quanto à sua fidedignidade<sup>41</sup>. É certo que o Visconde tem consciência de que a matéria

---

<sup>39</sup> *Os dois Plínios*, 125.

<sup>40</sup> *Os dois Plínios*, 126. Castilho levava o seu pensamento mais longe. Na sua opinião, a análise das datas da publicação dos textos neotestamentários (Evangélicos e Epístolas) permite asseverar que Plínio conheceu alguma coisa dessa (129) "longa série de escritos parenéticos e polémicos".

<sup>41</sup> Vejam-se as páginas 484-504, que o autor dedica à matéria, "pesando por milligramas os depoimentos" (485). Entre os autores invocados, refere em especial Flávio Lúcio Dextro e Petrus de Natalibus, defensores antigos da "cristianização" de

não é pacífica; todavia, entre a letra e o espírito, decide-se pelo espírito. É que, como confessa, se não pode prová-lo, desejaria que assim tivesse sido:

*Aceito pois o nebuloso facto e, depois de uma carreira toda dedicada ao bem do próximo, agrada ao meu coração ver Plínio adormecer para sempre no SENHOR.*<sup>42</sup>

E a obra termina exactamente com uma "visão" de Castilho, enquanto ouvia a marcha fúnebre de Chopin, que o transportava a visões de mártires em procissão...:

*Sim, ainda ontem vibrei a essas visões. A noite, estrelada e serena, entrava com seus perfumes vagos de campo pelas sacadas abertas sobre os terraços; o piano chorava; ante os olhos atónitos da minha alma deslizava um cortejo lúgubre. E entre os atormentados... lá ia Plínio; ou muito me enganei, ou reconheci Plínio...*<sup>43</sup>

Os "olhos da alma" de Castilho viam Plínio como um mártir dos alvares do Cristianismo. Os nossos, mais afeitos às provas documentais, não podem fazer mais do que concordar que em muitas das atitudes de Plínio há o reflexo de reflexões que Séneca e outros, antes e no seu tempo, tinham feito. A condenação dos que fazem gala do seu poder e espezinham os outros, o tratamento humanitário dos escravos, a comiseração pelos desafortunados ou desvalidos, preludiam, sem dúvida, as ideias que o Cristianismo difundirá com força. Mas não fazem de Plínio, como pretendeu Castilho, um cristão e um mártir.

---

Plínio, sem contudo deixar de recordar as críticas de que tem sido alvo a tentativa de fazer de Plínio-o-Moço um cristão.

<sup>42</sup> *Os dois Plínios*, 503.

<sup>43</sup> *Os dois Plínios*, 504. É possível que a ideia de fazer de Plínio um dos mártires do Cristianismo esteja associada ao facto de a Idade Média ter posto a circular que Trajano, o *Optimus Princeps*, fora, pelas virtudes de que dera provas, e graças às orações de Gregório Magno, resgatado às penas do Inferno (a que, como pagão, forçosamente estaria condenado para todo o sempre). De acordo com esta "teoria", Plínio, como grande amigo de Trajano, teria incutido no Imperador as ideias que ele ocultamente professava.

### 3. Júlio de Castilho e Plínio-o-Moço

Enquanto delineava o retrato dos dois Plínios, o filho de Feliciano de Castilho retratava-se a si também, ao emitir, com frequência, juízos de valor sobre vários eventos e atitudes comportamentais do seu próprio tempo. Meditando nas cartas de Plínio, meditava (por contraste) no que se passava à sua volta e assim se revelava a cada passo. Por isso, e a terminar, perscrutemos um pouco mais o pensar e o sentir deste escritor que, irmanado em espírito com Plínio, sinceramente acreditava no efeito regenerador e edificante das Letras – como gostava de dizer, a dedicação às Letras "melhora" a alma – e que em todas as transformações a que a vida está sujeita via sinais de decadência.

O Visconde de Castilho, que ao longo da sua vasta produção glosa à saciedade o tema do *ubi sunt?*, lamenta que se tenha perdido entre nós o hábito das leituras públicas (assistiu a várias, quando era jovem) e comunga das ideias que Plínio expendia a respeito do interesse e utilidade das *recitationes*.

À semelhança de Plínio, deplora os tempos modernos em que os jovens já não manifestam respeito pela idade e autoridade alheias. Como eram diferentes os dias em que grandes escritores pediam conselho a outros! E Castilho recorda-os:

*Em casa de uma talentosa senhora, aqui perto, em Odivelas, tive ocasião de compulsar em 8 de Dezembro de 1904 uma pasta de autógrafos. Entre esses vi algumas cartas de Garrett, Herculano e Castilho, ao célebre e doutíssimo Conselheiro de Estado João de Sousa Pinto de Magalhães, em que o consultavam. [...] Que homens aqueles! Que docilidade a sua! E que diferença de então para hoje, em que todos são sábios [...].*<sup>44</sup>

Inspirado em algo que de semelhante acontecera no tempo de Plínio, Castilho critica a "carneirada passiva" e a "subserviência partidária" no funcionamento do Parlamento.

---

<sup>44</sup> *Os dois Plínios*, 224.

A propósito do desinteresse manifestado por Plínio pelos espectáculos circenses, o nosso Castilho considerou "selvajaria inqualificável" os espectáculos de touradas, verdadeira "nódoa da nossa sociedade", e chegou a elaborar um requerimento dirigido a Sua Alteza Real para que pusesse cobro a tal "nódoa".<sup>45</sup>

Plínio preocupara-se em restaurar e ampliar o templo dedicado a Ceres em Tiferno Tiberino, terra de que o escritor era patrono.<sup>46</sup> Castilho, aproveitando o ensejo, lamenta o "desleixo criminoso" e escandaloso dos Portugueses perante o seu passado e as suas tradições. Profundamente indignado, as suas palavras ecoam outras do grande Almeida Garrett, que nas *Viagens* verberara a incúria dos governantes na salvaguarda do património nacional. Segundo Castilho:

*Nós cá, infelizmente, no nosso Portugal, tão rico de tradições, mantemos, com espanto dos estrangeiros, um desleixo criminoso em tudo quanto se refere ao respeito do passado. Em balde se indigna a opinião pública; em balde geme a Associação dos Arquitectos e Arqueólogos; em balde clama a Comissão dos monumentos; em balde vociferam e rugem os escritores; a devastação campeia desenfreada, e arrasa castelos, muralhas, mosteiros e prédios com história. E perpetram isso ignorantes e vilões? Não. Perpetram-no algumas Câmaras e alguns particulares ilustrados.*<sup>47</sup>

No domínio das ideias religiosas, condena o suicídio e deplora que o estoicismo – uma filosofia pagã tão próxima da religião cristã – o aceitasse e advogasse em certas circunstâncias. Como se viu já, estabelecia uma clara distinção entre o antes e o depois, o paganismo e o cristianismo, o mundo velho e o mundo novo, mas via-se forçado a

---

<sup>45</sup> Fê-lo no *Requerimento a sua magestade el-rei pedindo a abolição das touradas em Portugal* (Lisboa 1876). Veja-se também *Os dois Plínios*, 159 e supra n. 33.

<sup>46</sup> Este templo a Ceres era frequentadíssimo pelos lavradores no dia 13 de Setembro (*Os dois Plínios*, 276): "Lembrado Plínio do muito que lhe queria toda aquela boa gente, projectou reedificar a Ceres um formoso templo, e mais uma arcada ampla para os romeiros. Sempre as ideias boas e caridosas!"

<sup>47</sup> *Os dois Plínios*, 367. E, depois de denunciar um caso de destruição de património arquitectónico, conclui dizendo: "Mas basta, a análise desse facto lamentável não pertence a este livro."

admitir e a confessar que já no mundo pagão brilhavam centelhas de um novo humanismo. Plínio era disso um notável exemplo.

A propósito do respeito que em Roma era tributado às Vestais, e vendo o materialismo reinante na sociedade portuguesa, Castilho classificou como "revolução da impiedade" os acontecimentos que entre nós conduziram à extinção dos mosteiros.

Por fim, declarava-se católico, apostólico e romano e cria que em Deus estava a resposta a todas as perplexidades. Se Plínio não sabia que pensar a respeito da possível existência de fantasmas e avisos transcendentais, Castilho, referindo o caso recente de um jovem que em sonhos veio a saber que o corpo desaparecido do irmão dera à costa, comenta, incapaz de explicar o fenómeno:

*Mistérios, por ora insondáveis, do Supremo Criador dos mundos. A Ciência os desvendará talvez um dia. Quando digo a Ciência, digo DEUS; é ela uma das manifestações e um dos instrumentos d'Ele. Leva o espírito dos grandes sábios, Sócrates, Cícero, Séneca, Pasteur, Newton, Eddison, à adoração de Deus; os meio sábios ... esses não vão à Missa, têm um sorriso de moça para todas as devoções, querem a supressão das igrejas, chafurdam no lodo do materialismo [...].<sup>48</sup>*

Eis alguns dos temas meditativamente e esparsamente abordados por Castilho ao longo dos seus estudos da vida romana. Se bem atentarmos, a forma como o autor evoca este passado romano e o interpela tem, até neste confronto constante e crítico do presente com outras épocas, algo de garrettiano. Garrett, contudo, resgatou desse passado, essencialmente, o que ele tinha de revolucionário e íntegro na luta contra a tirania e o obscurantismo. Júlio de Castilho, por seu turno, preferiu trazer de novo à memória figuras serenas e em paz com o seu tempo, como acontece com os dois Plínios. Garrett verberara o materialismo dominante na sociedade portuguesa da sua época, mas fizera-o com o objectivo de melhorar a situação, confiando e confiante no

---

<sup>48</sup> *Os dois Plínios*, 142.

futuro. Júlio de Castilho detestava os tempos que se viviam, a revolução nas ruas, a corrupção, o desrespeito pelos valores sagrados do passado; censurava o presente materialista, mas, como quem se refugia dele e o não entende, volvia sistematicamente o olhar para o passado. Bem revelador desta sua atitude passadista, incapaz de se sintonizar com os sinais de mudança, é o comentário feito a propósito de Sílio Itálico, um poeta "sequaz fervoroso dos Antigos", que ficou famoso por venerar e prestar um culto saudoso e quase religioso à figura de Virgílio. Nas palavras de Júlio de Castilho:

*Isso de fugir dos contemporâneos chouchos, e ir deliciar-se na companhia dos grandes de outrora, mostra bom gosto. É preferir um passeio estudioso por Alfama e pelo Castelo, a uma cavaqueira no Rossio ou na Avenida.*<sup>49</sup>

#### **4. Em jeito de conclusão**

No conjunto da obra de Júlio de Castilho, poucas referências encontramos a *Os dois Plínios*. De modo idêntico, raros autores ou estudiosos se lhe referiram e, ao contrário das restantes, esta obra não teve uma segunda edição. A que se deve este tão manifesto desinteresse ou desafecto do público? Ao facto de, não tendo sido reeditada, ser de difícil acesso? Ou ao facto de a obra se apresentar como uma série de apontamentos e evocações da vida romana redigidos com evidente erudição, sem dúvida, mas mesclados de memórias e de reflexões de pendor moralizante? Castelo Branco Chaves, quando tentava perceber e justificar a "exiguidade do género memorial na literatura portuguesa", aventou a hipótese de que esse desinteresse resultaria, entre outros motivos, da "indiferença do público leitor por este género de escritos, desde que não sejam sobre acontecimentos recentes ou não tenham feição

escandalosa."<sup>50</sup> Como ficou claro, a obra de Júlio de Castilho nem versa sobre acontecimentos recentes nem tem feição escandalosa. Bem pelo contrário! Na verdade, e em virtude das inúmeras reflexões que a percorrem, a exposição histórico-biográfica consagrada aos dois romanos transformou-se numa exemplar "mestra da vida". Contra a corrente do tempo, o Visconde quis moralizar os leitores apresentando-lhes um Plínio moralizado. Estará aí a razão desse desinteresse?

---

<sup>49</sup> *Os dois Plínios*, 407.

<sup>50</sup> *Memorialistas Portugueses*, 16.



\* \* \* \* \*

**Resumo:** O interesse de *Os dois Plínios* de Júlio de Castilho radica no facto de a vida, a obra e a época dos dois Plínios serem revisitados sob o prisma minudente e romanticamente digressivo e intimista do filho de Feliciano de Castilho.

**Palavras-chave:** memorialismo; digressão; materialismo; Plínio-o-Velho; Plínio-o-Moço; António Feliciano de Castilho; Júlio de Castilho.

**Resumen:** El interés de *Os dois Plínios* de Júlio de Castilho radica en el hecho de que la vida, la obra y la época de los dos Plínios son revisitadas bajo el prisma minucioso y románticamente digresivo e intimista del hijo de Feliciano de Castilho.

**Palabras clave:** memorialismo; digresión; materialismo; Plinio el Viejo; Plínio el Joven; António Feliciano de Castilho; Júlio de Castilho.

**Résumé:** L'intérêt de *Les deux Plines* de Júlio de Castilho se doit au fait que la vie, l'œuvre et l'époque des deux Plines se trouvent revisitées selon la perspective minutieusement et romantiquement digressive et intimiste du fils de Feliciano de Castilho.

**Mots-clé:** Mémoialisme; digression; matérialisme; Pline l'Ancien; Pline le Jeune; António Feliciano de Castilho; Júlio de Castilho